

pedagógico e estrutural ao docente, para que todos os estudantes possam se desenvolver de forma equitativa.

Apresentação da experiência

Durante o estágio, foi possível observar situações recorrentes em que a professora precisava interromper constantemente a aula para trabalhar com dois alunos sem laudo, apresentavam dificuldades de aprendizagem e comportamentos desafiadores: deslocavam-se pela sala, falavam fora de hora e resistiam às instruções, provocando dispersão nos colegas. A docente utilizava estratégias como reforço positivo, aproximação individual e diálogos constantes, mas ainda assim enfrentava dificuldades em manter a atenção do grupo.

Um dos alunos está passando por acompanhamento médico neurológico para investigação, enquanto o outro, já havia sido acompanhado pela psiquiatria, mas não possui laudo formal. Nesta turma, tem um aluno com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista (nível 3, não verbal), que recebe acompanhamento da professora de apoio. O questionamento que surge é como a docente conseguiria atender adequadamente três alunos com necessidades distintas, considerando ainda que o aluno em acompanhamento psiquiátrico apresenta comportamentos de agressividade, provocando conflitos com os colegas e interferindo no andamento das atividades da turma.

Essa situação evidencia o dilema enfrentado pela professora regente: equilibrar o avanço das atividades da turma com o manejo de comportamentos desafiadores. A turma de 1º ano está em processo inicial de alfabetização, no segundo semestre do ano letivo e não houve intervenções estruturadas para apoiar esses alunos. Além disso, cada estudante apresenta diferentes níveis de desenvolvimento e necessidades educacionais, tornando o desafio da inclusão ainda mais complexo.

A experiência mostrou que a sala de aula de 20 alunos se tornava um espaço desafiador para a inclusão, exigindo do professor regente um comprometimento e aquisição de conhecimentos necessários ao acompanhamento dos alunos favorecendo a sua inclusão. A falta de suporte de equipe multidisciplinar e de recursos pedagógicos adaptados impactava o ritmo de ensino-aprendizagem da turma.

Análise parcial dos resultados

A análise das observações evidencia que, sem apoio e formação específica, a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais sem laudo médico pode comprometer o aprendizado dos alunos, refletindo a necessidade de políticas educacionais que ofereçam suporte direto ao professor, como assessoramento pedagógico, formação continuada e acompanhamento psicológico quando necessário.

Os dados da observação reforçam o que Mantoan (2015) afirma: “não há inclusão efetiva sem o suporte necessário ao professor”, demonstrando que a presença do aluno na sala regular precisa ser acompanhada de estratégias de manejo e recursos pedagógicos adaptados

Conclusões

A inclusão escolar exige mais do que a matrícula do aluno na escola; é fundamental que haja suporte pedagógico, emocional e institucional. A experiência de estágio revelou a importância da observação contínua do professor, do planejamento de estratégias diferenciadas e da colaboração entre escola, família e gestão. A inclusão efetiva depende do preparo docente e da disponibilidade de recursos, equipe multidisciplinar no acompanhamento dos alunos e interação escola e família, garantindo que todos os alunos aprendam garantindo uma educação de qualidade para todos,

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 19